

**DIALÉTICA DA LINGUAGEM E A QUEDA DA EXPRESSIVIDADE NA
TEORIA DE THEODOR W. ADORNO**

José Eronildo Gomes de Araujo Junior*

Resumo: O movimento histórico da dialética desenvolvida na linguagem produziu um apagamento da expressividade do sujeito. Desse modo, a finalidade do artigo se dá na investigação de cunho histórico-filosófico da tensão presente no desenvolvimento, entre particular e universal, dentro da linguagem. Para que seja possível essa análise, partiremos de dois textos adornianos que irão nos fundamentar nesse trabalho: *Fragmento sobre Música e Linguagem* e *Dialética do Esclarecimento*. Sedimentados nesses dois textos, precisaremos também de um aporte teórico da psicanálise freudiana, da economia política marxista e do estudo de alguns textos como *Teogonia* e a *Odisseia*.

Palavras-chave: Adorno. Linguagem. Dialética do Esclarecimento. Expressão.

**DIALECTICS OF LANGUAGE AND THE FALL OF EXPRESSIVITY IN
THEODOR W. ADORNO'S THEORY**

Abstract: The historical movement of dialectics developed in language produced an erasure on the subject's expressiveness. Thereby, the present study aims at the investigation of the tension existing on the development, between particular and universal, within the language. For this analysis to be possible, we will support this work on two adornings texts: cFragments *About Music and Language* and *Dialectic of Enlightenment* . Based on these two texts, we will also need a theoretical contribution from freudian psychoanalysis, marxist political economy and the consultation of other texts, such as *Theogony* and *The Odyssey*.

Keywords: Adorno. Language. Dialectic of Enlightenment. Expression.

1. INTRODUÇÃO

Com a produção da obra *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor W. Adorno (1903 – 1959) e Max Horkheimer (1895 – 1973), esses dois autores lançam a pergunta

* Graduando em licenciatura plena na Universidade Estadual do Ceará; bolsista da iniciação científica; com foco na pesquisa em linguagem, economia política e teoria do fascismo.

para o mundo: Por que a civilização, com um avanço tecnológico tão grande, e supostamente racional, invés de elevar-se cada vez mais a um estado maior de humanidade cai no seu radical oposto? Enfrentando coisas como a Segunda Guerra mundial, movimentos de massas autoritárias e um capitalismo brutal. Sem desculpas, a linguagem possui um papel fundamental de enclausuramento e não de emancipação do sujeito. A produção de um pensamento mercantilizado se manifesta na linguagem neutralizada, sem expressividade. Para podermos identificar lá onde a língua se neutraliza é necessário o estudo histórico e dialético da produção da própria linguagem e sua necessidade objetiva no mundo. Para onde o pensamento olha, se vê enredado no mecanismo de opressão e reificação de si. A cultura do pensamento crítico sucumbe à censura não mais somente do externo, pela natureza e/ou meio social, mas também por si mesmo que não mais consegue superar o estado atual das coisas. A linguagem agora se baseia pelos grandes números seja do mercado, as contas matemáticas na ciência ou no cotidiano por sua ligação ideológica com a classe dominante.

A metodologia que se utilizou para essa investigação é de cunho hermenêutico das obras selecionadas, principalmente dos textos *Fragmento sobre Música e Linguagem* e *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor W. Adorno. Prosseguindo, dessa maneira, numa investigação dos textos aqui apresentados. Contudo, é necessário entender que no limite dessa hermenêutica, para nos mantermos fiéis ao que foi proposto, principalmente pelo autor aqui trabalhado, é necessário que também adotemos seu próprio método dialético nos observados textos anteriormente citados. Pois entendemos, assim, como Adorno, que o objeto de estudo tal qual o sujeito se medeiam dialeticamente dentro de um espaço histórico. Sabendo disso, compreendemos que um sujeito, por mais que seja singular na sua leitura, é perpassado por suas condições objetivas de vida. Seguindo esse raciocínio, se mostrou também necessário o estudo de alguns outros textos que se mostraram proveitosos para a pesquisa. Esses outros textos são *Totem e Tabu*, *O Mal-Estar na Civilização*, ambas de Sigmund Freud (1856 – 1939); *O Capital* de Karl Marx (1818 – 1883). Também foi observado que nessa dialética, a hermenêutica de alguns textos clássicos como a *Teogonia*, de Hesíodo (entre 750 e 650 a.C.) e a *Odisseia*, de Homero (928 a.C. – 898 a.C.) se tornou de muita importância.

2. AUTOCONSERVAÇÃO

Adorno e Horkheimer começam o livro *Dialética do Esclarecimento* mostrando o “entrelaçamento da racionalidade e da realidade social, bem como o entrelaçamento, inseparável do primeiro, da natureza e da dominação da natureza” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 15). Isto é, esses filósofos alemães procuram mostrar o processo que o ser humano se submeteu para uma dominação sempre mais forte da natureza, interna e externa, em nome de uma sobrevivência.

Desta forma podemos ver no intento a demonstração de um jogo de poder entre particular e universal. Assim, eles prosseguem, “[...] o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 17). Portanto, o Esclarecimento é o intento de desmistificação da natureza, ou seja, de conhecimento. Pois, aquilo do qual eu não conheço me é perigoso – pode significar morte. Quando lemos na citação anterior “posição de senhores” isso não está colocado a revelia, mas representa seu sentido mais forte e exato. O que os autores possuem em mente é de que conhecer é dominar, nessa perspectiva.

A dominação é a técnica. “A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 18). Esse conhecimento fundado no medo e na sobrevivência teve que se desenvolver dentro de um processo do “método”, i.e., na instrumentalização do que estava perto, na manipulação de elementos dispostos. Assim, descreve Ricardo Corrêa Barbosa (1961 –) sobre o desenvolvimento do Esclarecimento:

A face terrível da natureza se manifesta como uma constante ameaça à sobrevivência da espécie. Contra isso, o homem reage mediante o trabalho: à medida em que aumenta o domínio técnico sobre a natureza, ele também a desencanta, despojando-a de toda magia. (Barbosa, 1996, p. 41)

O próprio Sujeito nasce nessa relação de dominação da natureza. Pois, existia uma necessidade prática de sujeitamento do mundo para a sobrevivência. A criação de mitos, filosofias e ciências não são por puro deleite, mas para aspectos práticos da vida.

Com a ajuda de Freud, podemos começar entrever esse processo. Quando a dominação da natureza ainda possuía uma relação animista¹²² com o mundo:

A necessidade prática de sujeitar o mundo teve, certamente, participação nesse esforço. Por isso não nos surpreende ao saber que, de mãos dadas com o animismo, há instruções de como proceder para assenhorar-se de homens, coisas e animais, isto é, de seus espíritos.” (FREUD, 2019, p. 76).

A manipulação de objetos naturais para influenciar a própria natureza são os primeiros passos do espírito dominador. Podemos entender os ritos já como a tentativa de saída do ser humano da tutela da natureza, i.e., o mito já é Esclarecimento. Todo resto da natureza está sob o comando do espírito ordenador, que repousa na lógica unitária. E assim ele vai conhecendo o mundo a partir das coisas que pode manipular. É interessante como o sujeito desde cedo já vê na ordem um elemento de progresso. A ordem é o pressuposto da administração. Uma sociedade em ordem – do comando – é uma sociedade de homens em progresso. Assim, observamos conjuntamente a Freud, em sua obra *O mal-estar na civilização*:

A ordem é uma espécie de compulsão de repetição que, uma vez estabelecida, resolve quando, onde e como algo deve ser feito, de modo a evitar oscilações e hesitações em cada caso idêntico. O benefício da ordem é inegável; ela permite ao ser humano o melhor aproveitamento de espaço e tempo [...]. (FREUD, 2010, p.54)

Contudo, a dialética do Esclarecimento em cada passo que dava em direção à dominação da natureza externa, exigia do ser humano uma dominação cada vez maior da natureza interna. A dominação que o Sujeito teve que fazer para se afastar da natureza, no intento de subjugar-la, fazia esquecer que ele próprio é natureza. “Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 18). O fator de neurose dentro do Esclarecimento pelo conhecimento totalitário gera o pensamento cada vez mais obtuso. Somente na distância cada vez maior diante do objeto e, desta forma, uma maior abstração é que posso controlá-lo. Essa incapacidade de se vê enquanto natureza condiciona o Esclarecimento a esquecer de refletir sobre si mesmo. Pois, na gradual abstração dos conceitos perde-se as distinções qualitativas do objeto. Desta maneira, a produção de um sistema se torna possível. As qualidades são

122 Para o Esclarecimento, o animismo é apenas uma projeção do sujeito na natureza. Sendo que já em Freud vemos que não. O animismo é uma forma de explicação objetiva com intuítos práticos. “O animismo é um sistema de pensamentos, ele não só explica um fenômeno particular, mas permite compreender o mundo como unidade, a partir de um ponto.” (FREUD, 2013, p. 76)

vistas pelo Esclarecimento ainda como resquícios do desconhecido – das entidades mágicas que ele julga superá-la.

3. ESCLARECIMENTO E LINGUAGEM: DIALÉTICA DA LINGUAGEM COMO DIALÉTICA DA DOMINAÇÃO

No processo de esclarecimento dentro da história, veremos que a reificação do ser humano está intrinsecamente ligado também ao decaimento da expressividade humana dentro do campo da linguagem. A cientifização – lê-se: desmistificação – da civilização levou não um (pelo menos ao todo) alargamento das potencialidades do sujeito, mas uma repressão cada vez maior do particular. Isso, pois, se reflete na linguagem como médio entre pensamento, ser humano e natureza. Para dominação da última. Veremos, no decorrer do exposto, como aquela perseguição do Esclarecimento por autoconservação produz um afastamento cada vez maior do Sujeito diante sua relação com o Objeto. Pois, depurar qualquer subjetividade da linguagem foi um trabalho empanhado pela Dialética do Esclarecimento de forma a garantir que nenhuma variante dentro do sistema seja desconhecida. Pois qualquer subjetividade que se apresente ante ao sistema é perigoso, não é administrável.

Adorno, no texto *Fragmento sobre Música e Linguagem*, faz uma relação entre esses dois mostrando suas similitudes e diferenças. Em alemão, pela força do verbo *sprachen* (falar, dizer, comunicar), não fica esquisito falar de linguagem musical. Para Adorno “A música assemelha-se com a linguagem na qualidade de sequência temporal de sons articulados, que são mais do que meros sons. Eles dizem algo, frequentemente algo humano.” (ADORNO, 2008, p. 167). Nisso se assemelham música e linguagem dos homens. Os dois carregam aquilo que é expressivo na humanidade. No que foi dito acima, não só o todo possui similitude, mas o particular também. Ambos possuem “oração, frase, período, pontuação; interrogação, exclamação, parênteses; orações subordinadas são encontradas por toda parte, vozes ascendem e descendem [...]” (ADORNO, 2008, p. 167/168). Assim, os particulares, entre ambos, vão se montando ao ponto de formar um todo. Mas, aqui, aparecem as divergências. Esse autor, ao comparar o processo de evolução da linguagem com a música chega a concluir que existem diferenças enquanto forma [*Gestalt*]. A música pretende, em si, dizer o todo. A grande

aspiração da música é a impossibilidade de dizer o nome de Deus. Pra isso ela se determina e se oculta ao mesmo tempo, mesmo não usando conceitos universais, e tendo para com a intencionalidade uma atitude dialética, ela não a vê como principal da obra, mas não abandona: uma vez que uma música sem intenção geraria um arranjo aleatório de sons e se permeada demais de intencionalidade ela tentaria se converter em linguagem convencional – nos dois casos perdemos a arte da música. A linguagem intencional precisa de uma denotação no mundo para que haja alguma interpretação da frase dita. Pois a frase intencionada deve produzir juízos sobre ele: afirmativas que podemos dizer se são verdadeiros ou falsos. É a pura determinação do objeto ao fato, a linguagem perdeu sua capacidade de superar o estado atual das coisas. A partir de agora, observaremos, ainda através do livro *Dialética do Esclarecimento* o movimento que gerou o mais alto grau técnico na linguagem e o menos expressivo.

3.1 LINGUAGEM MIMÉTICA

A magia, enquanto técnica da mímese, é uma das primeiras técnicas que a Razão desenvolveu para o ser humano como tentativa de dominação da natureza. Nela, a natureza era dominada pela assimilação consciente da mesma. A saber, imagem e coisa, na magia, partilhavam de uma mesma substância, isto é, cada objeto possuía uma qualidade intrínseca passível de ser evocada através de sua representação exata.¹²³ Na magia, eu enfrentava o horror com a imagem do horror. Assim confirma o antropólogo Robert H. Lowie (1883 – 1957), quando fala sobre a religião e a magia dos antigos:

Uma das noções difundidas é a crença em ser capaz de realizar seu desejo por imitação do evento que você deseja. [Quando] um australiano quer que chova, ele enche sua boca com água e espirra em diferentes direções; e um Hopi, pela mesma razão, desenha uma imagem de nuvens e chuva caindo. (Lowie, 1947, p. 298, tradução nossa)¹²⁴

Lowie segue dando mais exemplos, mas já é o suficiente. O momento mimético na magia é o primeiro passo do esclarecimento para a dominação da natureza. A

123 Podemos entender essa parte utilizando o termo grego συμβάλλω significa “reunir, juntar”. Nesse termo grego, até na ordem do discurso significa “vir por em acordo.” Ou seja, objetos distintos partilham de um mesmo algo.

124 “One of these widespread notions is the belief in being able to fulfil your wish by imitating the event you long for. An Australian wants rain to fall, só he fills his mouth with water and squirts it out in different directions; and a Hop for the same reason draws the picture of clouds and dropping rain.”

repetição era sua lei. A Razão que encontra na identidade uma substancialidade entre imagem e objeto, tende a imitar conscientemente, portanto, ordenadamente os elementos da natureza. A mesma natureza, permeada de espíritos e entidades, i.e., de qualidades próprias. No mundo das magias, ainda existiam qualidades próprias. O objeto, pois, mesmo em sonho, não era apenas uma representação impressa na mente, mas era ele mesmo o objeto. A substância garantia a ligação entre o objeto sonhado, o próprio objeto, e o nome deste. “Quando se afugenta um espírito com barulhos e gritos, isso é apenas um ato de feitiçaria; quando o coagimos, apoderando-nos de seu nome, utilizamos magia contra ele.” (FREUD, 2013, p.77). Era absurdo, nesse momento, pensar em certa diferenciação entre sentido e denotação. Que não ultrapassava o âmbito da existência mesma. “O feiticeiro torna-se semelhante aos demônios; para assustá-los ou suavizá-los, ele assume um ar assustadido ou suave.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 21). A imagem era o que hoje a palavra é, a própria conjuração da coisa. Os sacerdotes, então, possuíam ritos no seu mais puro significado simbólico. O evento se efetiva eterno, uma vez que ao repetir seu símbolo, ele deverá ocorrer.

Contudo, para o feiticeiro que se faz igual ao terror para afastá-lo, ele não é o próprio terror. Dentro do círculo mágico ele se coloca como máscara para comandar melhor a natureza. Entendemos, já que a magia, como primeira forma racional de manipulação do mundo, se diferencia das outras formas mais a frente de dominação pelo fato de haver uma aproximação do objeto, não ao contrário, um afastamento cada vez mais progressivo. Naquele momento, não há somente controle bruto da natureza, mas uma expressão da mesma. Por isso, Ricardo Correa Barbosa disse:

[...] quando se fala de mimese, não se pensa no conceito *imitativo* ou de cópia. Embora o termo, às vezes, apareça denotando imitação e assimilação, ele significa, em sentido enfático, comportamentos afetivos, expressivos, comunicativos e receptivos. (Barbosa, 1996, p. 25)

Pois, para os primitivos, a natureza não era vivida como apenas substrato de dominação. Existia o mana. Ele vive aquilo entre a fronteira do conhecido e do desconhecido. Isto é sentido por aqueles povos como aquilo que transborda os objetos - “Primário, indiferenciado, ele é tudo o que é desconhecido, estranho [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 21) – É a reverberação da coisa e daquilo que sobra dela, onde ela não se encerra na sua materialidade. Nesse momento, não existe linguagem

propriamente dita entre os homens, pois: “O grito de terror com que é vivido o insólito torna-se seu nome.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 21). Isso significa, que por enquanto, só existe tautologia: no que toca uma relação única entre o nome da coisa e a sua referência no mundo. Soa até impossível pensar, nesses tempos, que um mesmo nome possa designar objetos diferentes na realidade. E linguagem precisa dar um passo além do tautológico para que de fato se constitua com maior força de dominação. Mas, no grito de terror, esse que acaba por virar nome da coisa, o primitivo, no ato de nomeação, traz o objeto, antes completamente obscuro, ao âmbito da ordem. Esse mesmo objeto que me era desconhecido dentro da natureza, ao dar nome, capturo sua substância e coloco na ordem do conhecido. Partindo disso posso organizar tal objeto dentro do jogo da sobrevivência. Inclusive, comunicar para outros sobre a chegada da coisa. Mesmo que gerado pelo grito. Lembremos, por exemplo, dos primeiros deuses que se exprimiam linguisticamente como sendo o próprio objeto. A deusa Gaia não representava algo, mas era a própria terra. Essa mesma no qual pisamos diariamente. Uranos é o próprio céu, que cobre Gaia. Póntos, é o próprio mar. O *mana* é justamente esse além da coisa, que pode ser entendida como natureza, ressoando dentro do próprio indivíduo.

Contudo, há uma inversão durante o curso da história. A linguagem é um instrumento de dominação, por isso que seus mestres, nesse tempo, são os sacerdotes e feiticeiros. Amarrados pela autoconservação, os símbolos agora são ferramentas de coesão social. Todo aquele que o fura, está sujeito aos intempéries das entidades e dos demônios. E, claro, das autoridades da aldeia, também. Aquilo que era visto como um emaranhado difuso sob o nome de *mana* e que representava a relação sagrada entre o indivíduo e a natureza, agora torna-se consistente e materializado à força. Nesse momento, o que antes era sentido como algo cheio de qualidade em si, tornam-se qualidades forçadas pelos feiticeiros que povoam todos os lugares de entidades, espíritos e ritos. E relacionam esse último com os domínios sagrados – coerção da natureza e do indivíduo é perceptível nesse momento. “A essência sagrada transfere-se para os feiticeiros que lidam com ela.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 30). A inversão que ocorre atesta a manipulação como mote dessa nova relação para com o *mana*.

[...] o curso da natureza enquanto eflúvio do *mana* já está erigido em norma, que exige a submissão. Mas, se o selvagem nômade, apesar de toda a submissão, ainda participava da magia que limitava e se

disfarçava no animal caçado para surpreendê-lo, em períodos posteriores o comércio com os espíritos e a submissão foram divididos pelas diferentes classes da humanidade: o poder está de um lado, a obediência de outro. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 30)

A partir de agora, se justifica a repetição como verdade. Nesse momento, a natureza repetida, na expressão do símbolo, acaba por justificar as relações naturais e sociais. Esse símbolo que se repete, é visto não só como o feitiço do feiticeiro ante os espíritos, mas como efetivação do feiticeiro como feiticeiro, coletor como coletor, o caçador como caçador etc. A repetição como sobrevivência – dominação – é a consolidação dos privilégios.

O que podemos ver na dialética do Esclarecimento é essa tenção entre indivíduo e sociedade. Essa tensão é calcada na ideia de autoconservação. Mas, a mímese e o *mana* operada nessa dominação sacerdotal é a perversão das mesmas. Nesse momento, a mímese como pura conservação de si é a efetivação da morte. Enquanto aquela mímese se apresentava como expressão de mais vida, e, portanto de mais sujeito, a mímese enredada no controle significa a sujeição de todo que é vivo à morte. Inclusive a do indivíduo, que, para sobreviver, se mimetiza a si mesmo dentro da sociedade. Perde, portanto, seu caráter de mais indivíduo. A mímese calcada na pura dominação se confunde naquilo que ela não é, assim: mimetismo. Nessa condição, o que existe é a queda do particular ante as potências do universal. A tensão que existem na psiquê do homem entre si e a coletividade acaba por fazê-lo imitar o que está morto, ou seja, aquilo que está erigido na repetição: o sempre igual. Para se proteger das coesões, ele se dilui ao meio social. Camufla-se ao ponto de não saber mais se distinguir.

3.2. LINGUAGEM METAFÍSICA-RELIGIOSA

Podemos observar que no progresso das formas de manipulação do meio, a linguagem também sofre alterações para que ela possa servir de ferramenta de dominação. No movimento que ocorre nesse campo, vemos a mudança de uma linguagem antes puramente mimética, i.e., simbólica para uma linguagem agora com um grau de abstração maior. As entidades que antes emanavam da própria natureza, agora, sobem aos céus. O que temos aqui? Um descolamento entre palavra e coisa. Uma fundamentação histórica entre dominação e linguagem. Nas palavras de Adorno e Horkheimer:

O lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia: o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando. As deidades olímpicas não se identificam mais diretamente aos elementos, mas passam a significá-los. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 30)

Portanto, percebemos que o que antes era expresso tautologicamente como imagem e coisa, como que dividissem uma mesma substância, agora entra de fato na linguagem. Os mitos gregos expressam essa relação. “Os cantos de Homero e os hinos do *Rigveda* datam da época da dominação territorial e dos lugares fortificados, quando uma belicosa nação de senhores se estabeleceu sobre a massa de autóctones vencidos.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 24) Adorno e Horkheimer indicam a relação da dominação e da linguagem. Para que os escritos de Homero pudessem existir, é necessário pressupor um certo grau de universalidade da linguagem. Os deuses enquanto representantes da natureza nascem num período onde a linguagem já se descolou do mundo. E se põe em um momento de maior divisão entre os senhores e os vencidos.

Antes de Gaia, existia o Caos. A personificação do medo e da morte. Jaa Torrano (1946 –) (1995) explica que o Caos seria a personificação da negatividade, mas a negatividade no seu sentido mesmo do anti-ôntico, como Não-Ser. A teogonia já mostra o que a natureza é para o primitivo que ainda não instalou meios efetivos de dominação da vida. Gaia é a segunda a ser formada após o Caos, o que podemos entender disso? Ora, Gaia é a própria Terra, não é uma representante dela, mas a coisa mesma. Aqui, vemos a palavra expressar, segundo, novamente, Jaa Torrado (1995), a segurança e certeza.

Ela é a garantia da vida, pois, é a primeira a entrar na ordem dos sentidos. Expressando o desejo de autoconservação do primitivo que tenta fugir do Caos – que por mais que se tenha uma palavra para falá-lo, não se pode pensar diretamente o caos – pela ordem. Por aquilo que é sólido. E deve ser a primeira dominada.

A natureza imperou sobre os homens materialmente e enquanto símbolo até a chegada de Zeus. Pois, ao confrontar Chronos, o pai de todos os deuses venceu:

E livrou das perdidas prisões os tios paternos
Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo,
filhos de Céu a quem o pai em desvario prendeu;

e eles lembrados da graça benéfica
deram-lhe o trovão e o raio flamante
e o relâmpago que antes Terra prodigiosa recobria.
Neles confiante reina sobre mortais e imortais. (Hesíodo, 1995, p. 103)

Aqui vemos uma diferença quanto ao tratamento das palavras e da realidade. Zeus não é símbolo de nada além dele mesmo. Quero dizer, ao libertar seus tios ciclopes que eram respectivamente o próprio Trovão, Relâmpago e Arges, da barriga de Cronos, agora, como agradecimento, Zeus controla esses fenômenos da natureza – e, pois, assim, reina sobre mortais e imortais. O deus aqui em questão nos mostra a mudança de pensamento que ocorre no mundo grego. Na civilização o mundo não deve ser mais controlado pela assimilação do objeto, uma aproximação de suas qualidades, mas ao contrário. A mudança de um deus simbólico para um deus representativo é a expressão de que agora o mundo deve ser controlado pelo comando.

A tentativa globalizadora de sinopse dos mitos com a qual a Teogonia se esforça por organizá-los em torno da figura e da soberania de Zeus é de fato o primeiro (ou um dos primeiros) alvor da atividade unificante, totalizante e subordinante do pensamento racional. (TORRADO, 1995, p. 12/13).

Como isso vem a demonstrar o pensamento unificado num passo a mais da linguagem mimética? O que vemos na Teogonia é a saga de Zeus e sua ascese ao comando da totalidade. Temos que lembrar, também, que as palavras são divindades nascidas de Zeus e da Memória. E que elas mesmas possuem um valor que encanta e influenciam os homens e o mundo. O esforço contido na Teogonia é, pela prisão das palavras em escrita, e através da ascensão de Zeus ao poder, subordinar a natureza com sua plurivocidade a unidade do comando do próprio deus. Uma vez feito isso, honrando e jubilando ele, possamos controlar de forma mais eficaz o que está em nosso redor. O que temos aqui é o reforço da dominação: vemos nesse exemplo o reforço da autoconservação, da verdade enquanto repetição, e do logro sobre a natureza. Pois tudo que existe está submetido aos deuses – sejam homens ou animais. E os deuses, por suas características antropomórficas, podem ser influenciados. No começo da Odisseia, Ulisses começa seu regresso por uma piedade dos deuses. Temos vários exemplos disso no próprio texto: através de libações, Hecatombes e, claro, pela palavra. A própria Atena, disfarçada, ao acompanhar Telêmaco, na procura de seu pai Ulisses, nos mostra.

Ao chegarem a ilha de Pilos, os homens de lá estão festejando o deus Poseidon. Na reunião, ao invocar o deus, Atena faz a seguinte prece:

Escuta, Poseidon que abalas a terra, e não te recuses
a levar a bom termo estes assuntos, para nós que te invocamos.
Em primeiro lugar, confere glória a Nestor e seus filhos,
e depois dá justa recompensa aos outros,
aos homens de Pilos, por esta louvável hecatombe.
Concede que Telêmaco e eu próprio regressemos, com tudo
para o que viemos cumprido, na escura nau veloz. (HOMERO, 2011,
p. 151)

O que vemos aqui é justamente o que se vem mostrado nesse texto. A natureza ainda se apresenta enorme perante o sujeito, mas agora, após um afastamento visto como mais seguro diante da própria, posso melhor administrá-la, controlá-la. Agora, a natureza deve ser capturada pela palavra – que deve fixar a natureza que se repete no nome de Destino. Mas, essa separação entre Homem e Deus é uma distinção fácil de se destruir. Pois o que une os dois é uma única e mesma substância: o comando do mundo.

Ulisses já sabe dessa distinção entre palavra e mundo. Inclusive, sabendo dessa diferença, ele se utiliza de forma clara para garantir sua autoconservação. Adorno e Horkheimer utilizam como exemplo o acontecimento da chegada do próprio Ulisses e seus companheiros na ilha dos Ciclopes. Aqui vemos a esperteza e a tola curiosidade do herói helênico. Pois, tendo aportado numa ilha perto da ilha dos Ciclopes, Ulisses insiste em ir verificar na ilha próxima quem ali morava – encontrando depois essas enormes criaturas. Ulisses havia bem se abastecido com uma boa caçada assim que aportou na primeira ilha. Mas, a tola curiosidade o impelia. Então, lá encontram Polifemo. “Gigantes sem lei” é assim que Ulisses se refere a Polifemo e os outros Ciclopes que viviam ali perto. Isso significa a ausência de leis dos deuses e dos homens, o desdenho pela palavra e comando, portanto. Adorno explica-nos que sem leis porque não eram uma civilização. Os Ciclopes, pois, representam um estágio da natureza mais anterior: uma era pré-histórica onde já se dominava o rebanho e a caça. Os Ciclopes trazem ainda um traço importante para a diferenciação da *ratio* de Ulisses e a animalidade dos monstros sem lei: o único olho, segundo Adorno, é uma referência a um momento onde o nariz e a boca eram os sentidos que predominavam. O que se quer dizer com isso? Temos aqui, pois, nessas duas personagens um conflito claro entre a

natureza que se apresenta muito maior que o navegante imperando fisicamente sobre ele, e a *ratio* de Ulisses que tenta triunfar a natureza *sem leis*, i.e., sem comandos.

A natureza não se deixa dominar pela razão: “Nós, os Ciclopes, não queremos saber de Zeus detentor da égide,/ nem dos outros bem-aventurados, pois somos melhores que eles.” (HOMERO, 2011, p. 266) Como já afirmamos aqui, Zeus é a representação do comando pela palavra. Nessa passagem, proferida por Polifemo, fica claro o desdenho da natureza ante a razão que tenta subordiná-la.¹²⁵

Mas, Ulisses possui a lei, isto é, a Razão. Assim, nosso herói helênico, pela astúcia, cria uma assimilação de si ao meio, i.e., se moldou a uma consciência mais fraca e não regida pela lei, para superá-la. Ulisses, portanto, ao ser interrogado pelo gigante de um olho só sobre seu nome, ele se intitula como Ninguém.¹²⁶ Isso causa uma confusão na cabeça de Polifemo, pois, ele pertence ainda a um estágio que não sabe a diferença entre palavra e coisa. Contudo, nosso herói já entende que realidade e discurso não são homônimos. Ora, assim, se denominando como Ninguém, quando Ulisses e seus companheiros furam olho do gigante e ele, assim, clamando por seus colegas, diz “Ó amigos, Ninguém me mata pelo dolo e pela violência!” (HOMERO, 2011, p. 271) Isso causa confusão na cabeça dos monstruosos ciclopes. Ora, isso só se torna possível uma vez que haja de fato um distanciamento entre palavra e coisa. Onde a palavra pode subsumir dentro dela coisas distintas e ser manipulada dependendo da intencionalidade de quem fala. Fica evidente pelo texto de Homero e Hesíodo que a linguagem no tempo da religião olímpica implica numa abstração maior do pensamento em relação a natureza. Contudo, o pensamento divino não é suficiente para a dominação dela. Pois, nele, ainda reside o *mana*. A natureza ainda se apresenta muito superior ao sujeito. A experiência atesta essa superioridade no nome das divindades.

125 Polifemo nos parece não apenas um estágio anterior da natureza, mas um algo que recusa a lei patriarcal. Na máscara da unidade do espírito. Entendemos melhor com essa passagem da *Dialética do Esclarecimento*: “O comportamento do gigante ainda não se objetivou em caráter. Ele responde às súplicas de Ulisses não simplesmente com a expressão de ódio selvagem, mas apenas com a recusa da lei que ainda não o alcançou realmente: ele não quer poupar Ulisses e os seus companheiros: ‘se meu coração não mandar’, e não é certo se ele realmente, como afirma Ulisses em sua narrativa, fala com malícia.” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 62).

126 “Ninguém é como me chamo. Ninguém chamam-me/ a minha mãe, o meu pai, e todos os meus companheiros.” (HOMERO, 2011, p. 266)

3.3. LINGUAGEM FILOSÓFICA

O Esclarecimento que encontra na mímese sua primeira tentativa de controle, também identifica nela o seu conteúdo de inverdade no que tange a um controle mais eficaz da natureza. Era preciso se afastar do objeto para poder controlá-lo. Tanto a mímese quanto a linguagem mítica ainda permaneciam muito próximas ao objeto, identificando qualidades ocultas – mesmo que o descolamento entre linguagem e coisa, realizada nos mitos, seja de fundamental importância para o que se segue. Era necessário uma abstração mais forte que acabasse com essa mágica – se continuarmos seguindo esse pensamento. Então, temos na filosofia essa tentativa de uma progressão maior para a abstração. As categorias na qual a filosofia se originou pode ser claramente enxergadas como um avanço da intuição mítica. “As categorias, nas quais a filosofia ocidental determina sua ordem natural eterna, marcavam os lugares outrora ocupados por Ocnos e Perséfone, Ariadne e Nereu.” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 62). Nos primeiros filósofos, os *filósofos da physis (ou pré-socráticos)*, isso já é visível. Utilizemos, pois, o próprio Tales de Mileto como exemplo.

Quando Tales identifica que o princípio de todas as coisas (*ἀρχή*) está na água, podemos retirar três coisas dessa afirmação: 1 – vemos nesse filósofo grego ainda algo de qualidade oculta nos objetos, advindas do pensamento mítico. 2 – Podemos ver que a força de racionalização do mundo atinge um outro patamar. Agora, existe um distanciamento maior quanto ao objeto, em relação ao sujeito. Se por um lado, ainda vejo no objeto algo de mimético, não é por ele que vou entendê-lo. É pela abstração do pensamento ante ao que se pretende conhecer. Longe de representações míticas ou de fábulas para se expressar o mundo. Entre mim e a coisa será necessário um mediador: o conceito 3 – A lógica unitária também dá um salto significativo. Agora, tudo se resume no Uno, que em Tales se apresenta na fluidez da água.¹²⁷

A lógica da identidade continua. Pois, agora, pela razão, minha tentativa é de descobrir aquilo que há de idêntico em tudo o que há de variável e mais diverso no

127 Aristóteles (385 a.C. – 323 a.C.) em sua *Metafísica* já percebe essa relação dos primeiros filósofos com o pensamento identificante. Diz, ele, pois: “De fato, eles afirmam que aquilo de que todos os seres são constituídos e aquilo de que originalmente derivam e aquilo em que por último se dissolvem é elemento e princípio dos seres, na medida em que é uma realidade que permanece idêntica mesmo na mudança de suas afecções.” (ARISTÓTELES, 2002, p. 15) Procurar aquilo a equivalência, aquilo no qual posso igualar todas as coisas, esse é o nascedouro da filosofia.

mundo e, pela força do conceito, subsumir todas essas coisas ao seu princípio fundador. Há um distanciamento das certezas sensíveis. A água não é pura e simplesmente sua aparição singular. É a tentativa de alcançar o universal, o todo verdadeiro, naquilo de se repete como aparições singulares na realidade.

Mas, na filosofia da *physis*, é Parmênides de Eléia quem vai dar o salto mais fundo na relação do conhecimento. Pois, nele, existe uma concreta unidade formal, que ele identifica como Ser. O que significa, para o eleata, que tudo se envolve na unidade do ser. Afinal, para ele, é impossível pensar o não-Ser. Percebamos a força desse pensamento. O que está em jogo aqui é o conhecimento. Para Parmênides, o que está fora do ser é um não-ser. Portanto, não é. O que temos que considerar é o ser, pois, se o não-Ser não é, tudo participa do Ser. O Esclarecimento trabalha na posituação do mundo, aquilo que aparece como negativo, deve sair da fórmula. Parmênides, então, se vê tomado num problema de princípios: a unidade formal do pensamento e a plurivocidade dos sentidos. Mesmo ele não abandonando por completo os sentidos, pois ainda tenta uma relação ali entre o quente e o frio como organizadores da matéria, a Verdade só se alcança pelo Logos. A Verdade não está enredada pelo que capítamos pelos olhos, tato, olfato etc., pois eles escondem, assim, o próprio Ser. Geração e corrupção, são enganos dos sentidos. As sensações nos levam à múltiplas opiniões. Inclusive, opiniões contraditórias, o que é absurdo para a razão. Somente a ela – a *ratio* –, pensamento, é capaz de alçar-se até a verdade. E a Verdade é Una e esférica, como o raciocínio dentro do sistema que não deixa nada escapar. A Identidade, e necessidade, de tudo com tudo é ressaltada dentro do Ser afastado dos sentidos do eleata. O pensamento, portanto, deve tentar exprimir-se na palavra longe de contradições. Pois aqui, a Filosofia segue adiante na procura do uno, indivisível, eterno e imutável.

Não menos eleata – digo, participante do pensamento unificador – foi Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.). “Com efeito, um homem deve compreender o que é de acordo com uma forma, indo das múltiplas percepções à unidade reunida pelo raciocínio [...]” (PLATÃO, 2016, p. 102). Não menos hostil ao múltiplo ele foi do que seu mestre Parmênides. É evidente a sequência que o segundo dá ao primeiro. Nada deve escapar a Razão. Que organiza, dentro do abstrato, tudo aquilo que são diferentes entre si, mas partilham de alguma identidade. Pois, essa citação retirada do livro *Fedro*, está circunscrita dentro de algumas discussões, ao qual, uma delas é sobre a retórica e

conhecimento. Discutem aí duas personagens: Fedro e Sócrates. Aqui, Sócrates interpela o outro na argumentação de que o belo discurso não é aquele que aparenta ser belo, mas aquele que captura com as palavras o próprio Belo lembrado pela alma. Mais a frente, então, os sujeitos da conversa chegam a conclusão de que a retórica longe de ser uma arte reservada ao tribunal, auxilia, pois na busca pela Verdade. Desta forma, eles entendem que pela palavra seja possível uma pessoa assemelhar tudo e, também, denunciar o procedimento alheio de fazer tal coisa. Em *Fedro*, Sócrates compara a retórica, aqui entendida não como separada da Filosofia, com a medicina. Ambas as artes trabalham na manipulação de um objeto. A disputa que Platão trava com os sofistas é, nisso, uma disputa pela palavra. A boa retórica só pode ser vista como bela se conter a Verdade, isto é, através do discurso conseguir desmembrar o objeto para que os interlocutores possam analisar se, por exemplo a alma, é una ou dividida em partes. Só se alcança a alma através do *Logos*, não mais pela mimese da singularidade, mas pelo discurso universalizante.

Percebemos, dessa maneira, a força organizadora das palavras, identificada por Platão nessa obra. Pois, pela palavra, seguindo esse raciocínio, é possível discernir das coisas as suas semelhanças e dessemelhanças. Percebemos o caráter profundamente manipulatório diante da realidade que as palavras, na percepção da filosofia, assume diante da realidade. Inclusive, nesse texto, pela relação de semelhança entre os objetos, Platão denuncia que no discurso seja possível a manipulação dos ouvintes, pelo jogo de palavras. As coisas devem ser organizadas pelo conceito, que medeia a relação entre sujeito e objeto.

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceptual que exprime a nova forma de vida, organizada com base no comando determinada pelos homens livres. (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 25)

O conceito que subsume várias particularidades dentro de si, desta forma, toma o objeto pela sua igualdade com os outros. Já não tomamos o objeto por sua singularidade, como na magia, mas pelo que ele tem de igual aos outros. Assim, a filosofia ordena o mundo em categorias abstratas. Essa dominação da natureza pelo conceito se dá somente numa relação de dominação material entre os homens. O conceito se comporta com a natureza marcando-a a ferro quente dentro de si, igual ao

ritmo dos lemes no qual os companheiros de Ulisses devem seguir dentro do trabalho para fugirem das desventuras. Ali, pela sobrevivência, cadenciam-se pela abstração da unidade do trabalho – sem singularidade alguma. “A distância do sujeito com relação ao objeto, que é o pressuposto da abstração, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado.” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 25) Nesse momento do Esclarecimento, a linguagem abstrativa é encarada pelos filósofos como a Verdade. Naquilo que é eterno, imutável e uno residia a expressão de uma sociedade hierarquizada. Essa universalidade pretendida pela metafísica segue à mesma lógica do assenhoreamento do homem grego sobre os escravos, mulheres e crianças. Segue, pois, a mesma pureza na lei da dominação. O modelo intransigente que a filosofia assumiu na forma de hipostasiamento de leis e normas eternas é a mesma que o senhor deve assumir diante do objeto dominado. “É essa unidade de coletividade e dominação e não a universalidade social imediata, a solidariedade, que se sedimenta nas formas de pensamento.” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 31) A defesa aristotélica da diferença entre o homem escravo e o cidadão helênico em contraposição a defesa que ele faz do cidadão livre contra um governo despótico segue o mesmo raciocínio com qual ele pensava a hierarquia dos conceitos metafísicos e da alma.

3.4. LINGUAGEM TÉCNICO-CIENTÍFICA

Nesse momento, entendemos que a linguagem está longe de ser uma ferramenta neutra. Ela está intrínseca no processo de dominação da natureza. Esse processo, como vimos é um processo de racionalização do mundo, i.e., uma captura dos objetos dentro da ordem e do sentido. O que isso se traduziu, e pode ser verificado anteriormente no texto, na queda de toda ordem expressiva da linguagem: vista pelo esclarecimento como qualidades ocultas e animismos. Essas manifestações do inefável não cabem no controle. Dessa maneira, a filosofia ainda se apresentava, para o Esclarecimento, como pouco eficaz para o a sistematização da realidade. “Na autoridade dos conceitos universais ele crê enxergar ainda o medo pelos demônios, cujas imagens eram o meio, de que se serviam os homens, no ritual mágico para tentar influenciar a natureza.”(ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 19) O Senhor não deve reconhecer qualidades que não sejam encontradas na própria matéria bruta. Nada para além da matéria deve servir ao cálculo. Pois, o que não pode ser calculado, não se mostra em sua utilidade prática. O que acaba sendo descartável para o Esclarecimento. Porque o que

não se mostra em sua utilidade, i.e., dentro de uma pragmática, não pode se ajustar dentro da matemática do sistema. Inclusive, a própria relação entre os homens se inserem nesse pensamento coisificado. Pois, “A sociedade burguesa está dominada pelo equivalente. Ela torna o heterogêneo comparável, reduzindo-o a grandezas abstratas.” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 20) O que se encontra na natureza, pelo olhar do cientista, é a natureza objetificada. Perde-se, aqui, a plurivocidade das qualidades encontradas na magia – que é recalcada nas relações reificadas¹²⁸ –, aqui a unidade da matéria – diga-se: do *factum* – se instala como medição da relação sujeito-objeto. Pois, a realidade desprovida de qualidades próprias e nivelada ao âmbito da matéria bruta serve ao sujeito dotador de sentido apenas como classificação. Se no momento mimético cada elemento possuía uma substitutividade específica, nesse momento do Esclarecimento, isso se perde.

Seria necessário uma linguagem que garantisse mais esse distanciamento perante o mundo. Então, a linguagem tecno-científica, que se desenvolve na modernidade, encontra sua maior força de abstração. A linguagem aqui não fala mais do objeto em si. Afinal, já não importa mais. O que deve imperar é o sentido que o sujeito coloca na coisa. A abstração eleva-se ao grau maior, já não há mais ponto de contato com a natureza, senão, mediado pela técnica. “Para substituir as práticas localizadas do curandeiro pela técnica industrial universal foi preciso, primeiro, que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos [...]” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 23) Pois, a relação abstrata trabalha com o objeto como sendo reproduzível. Nesse momento do Esclarecimento, a coisa é nivelada a um abstrato tão grande que perde qualquer qualidade própria. Portanto, se consegue reproduzir a técnica em grande escala. A linguagem tecno-científica encontrou na matemática sua melhor expressão.

Podemos ver o exemplo na crítica da Indústria Cultural, de Adorno e Horkheimer:

Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas

128 Percebamos que a palavra recalcada não é utilizada aqui de forma leviana. O que Adorno tem mente quando vê o processo da dialética da história não é uma passagem fixa de um momento para o outro. A mudança qualitativa não exclui o momento anterior, mas recalca dentro de si. Por exemplo, não é porque atingimos, hoje, ao nível da linguagem tecno-científica que as outras formas deixaram de existir na realidade.

vermelhas, verdes e azuis. (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 102)

O ser humano não possui nenhuma singularidade, ele é um mero exemplar de sua classe. Representa apenas um número dentro da estatística.

Na matematização da natureza não tenho nada da própria natureza. O objeto some em face do número. É sensível o embaciamento que a natureza é envolta dentro dessa relação quantificável. O objeto assume o sentido que dou a ele, sem nenhuma expressividade. O *operation* que o cientista produz no laboratório funciona como vivisseção da coisa – o pensamento é já reduzido a uma calculadora, i.e., a um instrumento. Pois, a razão que opera aqui funciona somente numa relação com coisas mortas. Dentro da matemática do mundo não existe isso de desconhecido: radicalização do medo mítico como Esclarecimento se efetiva.

Natureza e matemática agora se confundem dentro do pensamento. Esta se coloca como em comunhão com o Senhor abstrato e puro, afastado da natureza. A matematização acontece, dentro da modernidade, como condição necessária para se pensar o mundo e seus objetos. Na linguagem técnico-científica, a possibilidade de pensar sobre o próprio pensamento se perde. Esse órgão reduzido a instrumento só pode trabalhar dentro da égide da autopreservação, o que significa que a perspectiva de pensar sobre o pensar é ridícula perante o Esclarecimento mais avançado. É, para ele, apenas a perda do controle.

As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como únicos naturais, decentes, racionais. De agora em diante, ele só se determina como coisa, como elemento estatístico, como *success or failure*. (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 35)

O que isso significa dentro das relações interpessoais? Significa que esse processo de racionalização é o processo de submissão dos seres humanos ao abstrato dentro do sistema. Aqui podemos ver o problema do fetichismo da mercadoria. Nesse momento, por exemplo, a mercadoria, que “se transforma numa coisa sensível-suprassensível” (MARX, 2017, p. 146), aparece para os homens como uma coisa natural e determinada. Quando o trabalho perde, nas relações sociais, seu caráter específico, é, desta forma, encarado como trabalho abstrato que ele ganha contornos de objetividade e uma naturalização de suas formas. O trabalho se abstrai tal qual a abstração que se faz na relação entre mercadorias. O que deveria ser visto como a

relação entre homens com os objetos de seus trabalhos, ganha tal generalidade que os objetos desse trabalho aparecem como que dotados naturalmente dessas características. Para que haja a troca, é necessário que as mercadorias se confrontem como que se estivessem resumidas a um terceiro, que nesse caso é o valor. Assim sendo, disse Marx:

A igualdade *toto coelo* [plena] dos diferentes trabalhos só pode consistir numa abstração de sua desigualdade real, na redução desses trabalhos ao seu caráter comum como dispêndio de força humana de trabalho, como trabalho humano abstrato. (MARX, 2017, p. 146)

O que isso expressa? A forma mercadoria só é possível numa sociedade onde a abstração já se efetivou em todas as esferas humanas. Só quando a forma mercadoria penetra no seio social, e isso significa penetrar na raiz do homem, é que esse tipo de relação abstrativa pode se estruturar. Pois, as relações sociais deve se remodelar para que a forma mercadoria possa se efetivar de vez. Pois na sociedade da técnica, como já vimos, o trabalho humano aparece como abstração dos trabalhos específicos. Somente assim o homem pode vender seu trabalho como mercadoria dentre todas as outras mercadorias. E, portanto, seu trabalho deve estar submetido aquela objetividade fantasmagórica que é a lei social do mercado. Leis tão duras quanto as leis naturais eternas. Intransponíveis.¹²⁹ Isso é a efetivação da Razão no mundo. O menor, particular, sucumbe ao todo racionalizado e administrado. Quanto mais crescem as forças técnicas e especificação do trabalho, menor é a força do particular ante ao universal racional.

Dessa maneira, o pensamento abstrato que se afasta da natureza para dominá-la, que converteu os meios em fins e que, por isso, se orienta sempre na defesa da autoconservação, agora não enxerga motivos válidos para validar uma relação ética entre os homens. Aliás, o próprio estatuto da ética e da moral é vista pelo Esclarecimento como superstição, sentimentalismo, metafísica etc. “O burguês que deixasse escapar um lucro pelo motivo kantiano do respeito à mera forma da lei não seria esclarecido, mas supersticioso – um tolo.” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 74) O Esclarecimento não se vê mais preso em amarras exteriores que obstruam a dominação sempre mais crescente. Todos os grandes sistemas filosóficos que tentaram

129 Nisso o filósofo húngaro Georg Lukács (1885 – 1971) pode nos dar suporte: “[...] a objetivação de sua força de trabalho em relação a sua personalidade – que já era realizada pela venda dessa força de trabalho como mercadoria –, é transformada em realidade cotidiana durável e intransponível, de modo que, também nesse caso, a personalidade torna-se o espectador impotente de tudo o que ocorre com sua existência, parcela isolada e integrada a um sistema estranho.” (LUKÁCS, 2003, p. 205)

engendrar uma moral dos seus sistemas racionalizantes, caíram dando mais armas ao Esclarecimento para atacar.

O homem da ciência reconhece pela identidade os outros homens. Aqui, se justifica os testes laboratoriais feitos nos campos de concentração alemães. “Em oposição ao imperativo categórico e em harmonia tanto mais profunda com a razão pura, ele [o fascismo] trata os homens como coisas, centros de comportamentos” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 74) Isso é a pura razão científica. A lógica que comanda o pensamento do cientista durante os testes em animais, como costurar a pata dianteira, ombros e cabeça de um cachorro em outro, é a mesma lógica que Josef Mengele (1911 – 1979)¹³⁰ usava para costurar dois irmãos um no outro para tentar reproduzir irmãos siameses artificiais. A relação entre cientista e cobaia está como que mediatizada pelo recalque da natureza pelo número. Mengele não enxergava ali outros seres humanos que partilhavam de uma vida. O que o médico nazista enxergava eram potenciais experimentos genéticos medidos pelo seu grau de sucesso. A natureza abstrata do número nivela homem e matéria. Assim pensa Mengele, o capitalismo e o Estado, que rebaixam toda a natureza ao abstrato controle do Eu-puro – sem natureza.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode, então, pensar a partir dessa queda da expressividade do particular no campo da linguagem? O que vemos aqui é que essa dialética multifacetada entre linguagem, Razão e mundo, pela exigência da abstração e da urgência da sobrevivência, vem sofrendo uma uniformização silenciadora do sujeito. A linguagem que teve que se separar radicalmente do objeto para que pudesse controlá-lo e mesmo comunicá-lo, agora perde o objeto de vista ao ponto de não mais conseguir escutá-lo. Assim, invés de entregarmo-nos ao objeto e entendê-lo em seus momentos, tacitamente, em um movimento onde as coisas se apresentam e se confundem, até mesmo entendermos o limite do próprio conhecimento, nós preenchemos a coisa com nossa intencionalidade de dominação. Essa opacidade entre os particulares subsumidos no sistema é a introdução de um cerceamento da individualidade. Então, os indivíduos não mais veem

130 Josef Mengele foi um médico-militar nazista conhecido por realizar experiências genética com prisioneiros, nos campos de concentração.

uns aos outros, ou a si mesmos, como individualidades com potência de expressar-se. Mas, ao contrário, se encaram no abstrato dos nichos divididos pela classe dominante. A liberdade é cerceada lá onde ela tem sua maior potência: no pensamento. Contudo, Adorno não pensava em qualquer tipo de volta ao passado. Porque é claro os avanços que a tecnologia nos proporciona. E assim, a funcionalidade da linguagem abstrata. O que se critica aqui, em conjunto com esse autor alemão, é a entrega não refletida ao abstrato. Mas, com isso, é nítido o impulso de perguntar: como proceder um trabalho dentro dessa tenção? Essa pergunta é fundamental para o pensamento adorniano. Contudo, ela não cabe ser respondida nesse presente artigo. O que se apresenta no exposto até o momento é exatamente o desenrolar do problema que leva a essa pergunta. E portanto, a tendência sempre maior do sumiço do indivíduo no meio da sociedade mercantilizada.

BIBLIOGRAFIA:

ADORNO, Theodor W. Fragmento sobre música e linguagem. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.31, n.2, p. 167-171, 2008.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ARISTÓTELES. Livro A (primeiro). In: ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BARBOSA, Ricardo Correa. **Dialética da Reconciliação**: estudo sobre Habermas e Adorno. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1996.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MARX, Karl. Capítulo 1: A mercadoria. In: MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017.

WELLMER, Albrecht. **Sobre la dialéctica de modernidad y postmodernidad**: La crítica de la razón después de Adorno. Madrid: A. Machado Libros S.A., 2004.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LOWIE, Robert H. XVII Religion and Magic. In: LOWIE, Robert H. **An Introduction to Cultural Anthropology**. New York: Rinehart & Company INC., 1947.

LUKÁCS, György. A reificação do proletariado. In: LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudo sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

TORRANO, Jaa. O mundo como função de Musas. In: HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.